

A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM RELAÇÃO À EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO NA ARGENTINA

Paulo Júnio dos Santos
Raquel Ferreira Miranda
(Universidade Federal de Viçosa, Campus Rio Paranaíba – UFV/RP)

Resumo

Durante o intercâmbio acadêmico, várias são as dificuldades enfrentadas até que o indivíduo se adapte ao novo meio cultural. Objetivou-se analisar a percepção de estudantes universitários de cinco diferentes países que realizaram o processo de mobilidade acadêmica durante o ano de 2014 na Universidad Nacional de La Plata (UNLP) localizada em La Plata, Argentina. Foram entrevistados 12 estudantes de intercâmbio de 5 diferentes países: Brasil, Colômbia, Espanha, Japão e México. De modo geral, os estudantes percebem que o intercâmbio proporcionou um crescimento pessoal e avaliaram positivamente os professores com os quais tiveram contato durante o curso. Entretanto, relataram dificuldades nas relações interpessoais, além de possuírem um descontentamento em relação ao apoio oferecido pela universidade.

Palavras-chave: Mobilidade Acadêmica; Intercâmbio; Relacionamento Interpessoal

Abstract

Perceptions of College Students in Relation to Exchange Experience in Argentina

During the academic exchange, there are several difficulties faced by the individual to adapt to the new cultural environment. This study aimed to analyze the perception of college students from five different countries who took the academic mobility process during the year 2014 at the National University of La Plata (UNLP) located in La Plata, Argentina. We interviewed 12 exchange students from 5 different countries: Brazil, Colombia, Spain, Japan and Mexico. In general, students realize that the exchange provided a personal growth and positively evaluated the teachers with whom they had contact during the course. However, reported difficulties in interpersonal relationships, besides their discontent about the support offered by the university.

Keywords: Academic Mobility; Exchange; Interpersonal Relationship

Introdução

Um programa de mobilidade acadêmica internacional consiste no

ingresso do estudante em uma Universidade de outro país, a fim de desenvolver determinada pesquisa ou apenas estudar diferentes disciplinas. Além

dos estudos, o universitário tem a oportunidade de aprender outra cultura, ampliar seu *networking* e aprender um novo idioma, agregando não apenas valor profissional, mas também pessoal, além de propiciar um olhar crítico sobre a sociedade. Entretanto, apesar de todos os benefícios proporcionados, é necessário um pouco de paciência e determinação daquele que participa de um processo de intercâmbio, pois ao ser introduzido em um novo contexto e uma nova cultura, é preciso se adaptar, o que não ocorre de maneira imediata.

A experiência obtida através da realização de um intercâmbio é algo único e de grande importância para a carreira, dessa forma a existência de organizações que valorizam e investem em programas para que estudantes possam ter essa vivência durante sua vida acadêmica é algo que contribui para o desenvolvimento dos que não possuem condições de realizar um intercâmbio com recursos financeiros próprios. Essa experiência tem a possibilidade de ser financiada pelo Estado por meio de seus diferentes órgãos ou por alguma empresa privada que possua um programa de apoio à educação.

Em relação à Argentina, cinco entre as trinta melhores Universidades da América Latina estão localizadas no país, segundo a QS Top Universities. Dentre elas está a Universidad Nacional de La

Plata (UNLP), que está elencada como a quarta melhor do país, localizada na cidade de La Plata que fica na província de Buenos Aires. Todos os semestres a Universidade recebe estudantes de diversos países, por meio de diferentes programas de intercâmbio. No momento da pesquisa, a Universidade contava com cerca de 150 estudantes em intercâmbio.

Este estudo teve como objetivo analisar a percepção de estudantes universitários em relação ao processo de realização da mobilidade acadêmica internacional, especificamente, de estudantes que escolheram a Universidad Nacional de La Plata como destino, observando aspectos de motivação e expectativas, desafios e dificuldades enfrentadas durante o processo, adaptação à nova cultura e experiências vivenciadas.

Referencial Teórico

Fenômenos como a globalização e a internacionalização contribuem positivamente para o aumento da realização de processos de mobilidade acadêmica. Segundo Dale (2004) frequentemente considera-se a globalização como um progresso para a homogeneidade cultural, refletindo o crescimento da tecnologia de informação e construindo uma possível política educacional mundial. Mas, efetivamente,

os impactos da globalização sobre a educação, ainda segundo este autor, devem ser analisados a partir de duas abordagens que diferem na compreensão das dimensões-chave da relação entre globalização e educação: “Cultura Educacional Mundial Comum” desenvolvida por John Meyer e “Agenda Global Estruturada para a Educação” proposta por Dale.

Segundo Marin e Brasil (2004) a internacionalização da educação é algo de interesse no mundo atual devido à existência de grandes blocos econômicos com o objetivo de facilitar o fluxo comercial entre países.

De acordo com Altbach e Knight (2007) existe uma diferença entre globalização e internacionalização quando se trata do ensino superior, sendo que a primeira está relacionada às tendências econômicas e acadêmicas que surgiram no século XXI, enquanto a internacionalização abrange as práticas utilizadas por unidades acadêmicas para de adaptar ao atual contexto global.

Mazza (2009) afirma que a mobilidade de indivíduos e de demandas educacionais são influenciados pela atual tendência no aumento do fluxo internacional de bens, serviços, capitais e informações. A experiência fora do país seria um importante fator para a formação

de setores profissionais e para diferenciação no mercado após a graduação.

Voltando-se para a realidade argentina, segundo Bezerra (2013) o ensino superior argentino, quando se trata da sua internacionalização, está em um processo de descentralização, em que preocupa-se com a mobilidade de estudantes estrangeiros nas universidades do interior, retirando o foco apenas dos grandes centros urbanos.

A mobilidade acadêmica durante o ensino superior proporciona ao estudante a oportunidade de se relacionar socialmente e profissionalmente em um novo ambiente, com uma nova realidade e novas perspectivas. Segundo Teichler (2004) a educação internacional é um tema importante que deve deixar de ser tratado em segundo plano, não é mais um assunto apenas para especialistas em internacionalização já que, segundo o autor, todas as universidades são internacionais.

O choque cultural existente nas relações migratórias é um dos principais empecilhos para a sua realização. Stalivieri (2009) afirma que é importante se atentar para questões interculturais, dentre elas o choque cultural, já que os processos de internacionalização entre as instituições

universitárias buscam a melhor preparação de seus futuros profissionais.

O choque cultural é, segundo Bett,

[...] uma experiência traumática que o indivíduo pode encontrar ao entrar em outra cultura. É um desconforto físico e emocional, que o indivíduo enfrenta ao mudar para outro lugar diferente de seu lugar de origem. A forma como ele vivia anteriormente deixa de ser considerada normal e passa a ser considerada estranha aos indivíduos que habitam em esse novo ambiente (Bett, 2012, p. 10).

A escala de DMIS (Developmental Model of Intercultural Sensitivity) proposta por Benette Benett (2004) é um

Durante o processo de adaptação em um novo país, a criação de novos laços de amizade é um importante fator. Segundo Garcia(2012) as amizades interculturais são interessantes pelo fato de serem explorados diferentes culturas e idiomas, além da assistência prestada durante o processo de intercâmbio. Por outro lado, Gareis (2010) aponta que as diferenças culturais podem apresentar fatores negativos nas relações, já que o conceito de amigo pode ser distinto nas diferentes culturas, representando assim um fator limitante.

modelo que demonstra os estágios do processo de adaptação. A escala é um modelo sobre o desenvolvimento da estrutura cognitiva durante o processo de adaptação cultural, de maneira que a competência intercultural do estudante aumentará de acordo com o tempo. O DMIS é dividido em seis etapas, sendo as três primeiras denominadas estágios etnocêntricos (Negação, Defesa e Minimização), nas quais a realidade ainda é a cultura própria do indivíduo, e as três últimas etapas são denominadas de estágios etnorelativistas (Aceitação, Adaptação e Integração), onde a cultura no novo local onde está vivendo também passa a ser parte do indivíduo.

Segundo Garcia e Goes (2010) os estudantes internacionais costumam estabelecer laços de amizade entre si.

[...] evidência empírica tem revelado a falta de contato entre estudantes locais e internacionais, e a tendência para grupos de amizade segregados entre os estudantes internacionais. Sugere, assim, uma ação mais efetiva das instituições de ensino superior para fomentar interações entre universitários locais e internacionais. (Garcia e Goes, 2010, p. 3).

Em cada etapa do ciclo de vida, a amizade desempenha um determinado papel, sendo que amigos permitem ao indivíduo desenvolver-se socialmente, colaborando para a evolução do seu autoconhecimento, bem como para o estabelecimento de demais relações interpessoais satisfatórias (Souza & Lassance, 2010).

A amizade entre adultos representa uma auto-revelação individual, por meio de conversas, confiança, compromisso, afeição e necessidade de pessoas que compartilhem opiniões. Uma das principais características da amizade é que os indivíduos se consideram iguais. Mas isso não significa que eles são iguais em todos os aspectos, os “laços de amizade surgem entre pessoas que compartilham similaridades sociais e econômicas” (Souza & Garcia, 2008, p. 240). O “companheirismo, a intimidade e o afeto são as principais características da amizade entre adultos” e ainda o apoio social, ou seja, presença de pessoas que demonstrem interesse, preocupação e valorização, é também de grande importância para o bem estar do indivíduo, fornecendo, muitas vezes, o apoio para suprir a falta de outros tipos de relações interpessoais (Souza & Garcia, 2008, p. 241).

Metodologia

Foi realizada uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa, exploratória, com dados obtidos por meio de entrevistas com doze estudantes de cinco países que optaram por realizar intercâmbio na Universidad Nacional de La Plata, Argentina, no ano de 2014.

Os participantes foram contatados por meio de uma rede social, onde existem grupos destinados aos estudantes de intercâmbio que desejam se conhecer e compartilhar experiências vividas durante o período fora do país de origem. Após o primeiro contato foram agendadas as entrevistas em dias e horários convenientes aos entrevistados. As entrevistas foram realizadas nos edifícios da Facultad de Ciencias Económicas e da Facultad de Psicología da Universidad Nacional de La Plata, pois esses edifícios estão localizados na região central da cidade de La Plata, facilitando assim o encontro.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, realizadas em português com os estudantes provenientes do Brasil e em espanhol com os demais participantes. Todos os entrevistados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. A análise dos dados se deu por meio da análise de conteúdo, segundo Bardin (1977).

Resultados e Discussão

A partir dos dados coletados estabeleceu-se seis categorias relacionadas à percepção dos estudantes estrangeiros ao processo de intercâmbio realizado na UNLP, sendo eles: dados Sociodemográficos, a escolha do intercâmbio, experiências cotidianas, a rede inicial de amigos no país de intercâmbio, amudança e os amigos do país de origem e análise do curso feito durante o intercâmbio. Os entrevistados foram identificados a partir da sigla E1 a E12 (Entrevistado 1 a 12).

Dados Sociodemográficos

Quanto ao gênero, 33,33% dos estudantes participantes são homens e 66,64% são mulheres. A idade variou entre 18 e 22 anos. Todos os participantes são solteiros e 50% possuem parceiro romântico no país de origem. Todos cursam o ensino superior e 75% possuem religião (Cristianismo), e 55,56% dos que possuem se consideram praticantes.

Quanto ao país e universidade de origem dos participantes temos que dois participantes são mexicanos (E8, E10) oriundos das universidades Universidad de Guadalajara e Universidad Nacional Autónoma de México. Três participantes

são brasileiros (E2, E4, E9) oriundos da Universidade Federal de Viçosa, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal de Uberlândia. Quatro colombianos (E1, E12, E5, E6) da Universidad Autónoma de Bucaramanga e Universidad Santo Tomás. Dois japoneses (E3, E7) da Ritsumeikan University e Kanda University of International Studies. E um participante é espanhol (E11) da Universidad del País Vasco.

Em relação às pessoas mais importantes em sua rede social, todos os participantes consideraram suas respectivas famílias (Mãe, Pai e Irmãos) e amigos que vivem em seu país de origem. Apenas um entrevistado considerou importante as amizades construídas durante o intercâmbio. Os que possuem parceiro romântico também o incluíram na lista.

A escolha do Intercâmbio

Nessa categoria foram englobadas as temáticas relacionadas ao processo de escolha do intercâmbio, avaliando as expectativas, objetivos e fatores influenciadores. A decisão de realizar um intercâmbio esteve relacionada ao interesse por conhecer outra cultura, se desenvolver pessoalmente e obter experiência profissional.

“A Principal foi conhecer outra cultura, outros métodos de ensino e a vontade de viajar e sair do país.” (E1).

“Ganhar experiência profissional. Bom, crescer profissionalmente e como pessoa.” (E5)

“Primeiro, conhecer outro país, conhecer outra cultura, aprender com as outras pessoas. Crescer muito, de maneira profissional e pessoal.” (E6).

Foram apresentadas diferentes respostas pelos entrevistados relacionados às expectativas em relação ao intercâmbio. Grande parte das respostas diz respeito a conhecer um novo país e uma nova cultura. Além disso, a questão do idioma também foi citada pelos entrevistados de países que não tem o espanhol como língua oficial (Japão e Brasil). Dois participantes relataram que as expectativas eram mais positivas se comparadas com a realidade encontrada, especialmente em relação à convivência com os argentinos.

“Aprender, de enfrentar a estar sozinha em um lugar onde não conheço, em uma nova cultura, onde tudo é novo.” (E1)

“Falar mais rápido, eu não falava nada de espanhol, achei que era chegar aqui e começar a falar fluentemente, rapidamente, eu pensei que seria mais fácil aprender a falar o idioma.” (E2)

“Era conhecer coisas novas, lugares, áreas de estudo e pessoas novas.” (E4)

“Mais que tudo a expectativa de crescer muito na parte acadêmica. Crescer tanto pessoal, quanto profissionalmente.” (E6)

“Aprender espanhol, falar melhor.” (E7)

“Que iria ser um país lindo, que a convivência seria diferente.” (E8)

“Pensava que iria ser mais fácil, mas tudo bem” (E11)

A coleta de dados ocorreu cerca de um mês para o fim do período acadêmico na Universidad Nacional de La Plata e os participantes expressaram algumas expectativas para o tempo restante de intercâmbio: interesse em conhecer mais sobre o país, conhecer novas pessoas e novos lugares. O aprimoramento do idioma foi citado por brasileiros e japoneses.

“Agora que está terminando, acredito que é falar mais, o melhor possível o espanhol. Poder absorver o máximo de informação das aulas e aproveitar para conhecer um pouco mais a cultura. Às vezes fico muito ligada em estudar e deixo um pouco de curtir isso, de aproveitar isso.” (E2)

“Agora eu queria fazer mais amigos argentinos e gostaria de conhecer muitos lugares dentro do país.” (E3)

“Aprender muitas coisas, como pessoa [...]. Aprender mais sobre a gente do país.” (E5)

“Tratar de conhecer o que não conheci, há muitos lugares lindos aqui na Argentina.” (E8)

A qualidade de ensino e reconhecimento da UNLP, viabilidade econômica e vontade de conhecer a Argentina, foram os principais fatores considerados pelos entrevistados ao escolherem o destino do seu intercâmbio.

“A Universidade foi porque é uma Universidade que tem uma qualidade de Ensino, é uma Universidade que eu fiquei sabendo que tem uma dinâmica muito interessante, uma didática muito boa. E a Argentina eu escolhi em relação ao custo, por causa da cotação, da relação de moedas... Também por estar mais perto, pela passagem também, porque a passagem é por nossa conta. O que mais pesou foi a questão financeira.” (E2)

“Porque das opções era a mais viável economicamente e para aqui não seria muita concorrência e eu queria muito

fazer intercâmbio. Porque é uma Universidade muito boa e também pela proximidade a Capital, não sendo a capital.” (E4)

“Argentina eu escolhi porque foi sempre um país que pensava em conhecer. A UNLP não sei por quê.” (E6)

“Porque era um país da América do Sul que me interessava muito conhecer e minha Universidade possui convênio com a Universidade.” (E8)

Dos entrevistados, 58,33% tiveram seu intercâmbio financiado por alguma organização, privada ou pública. Os que optaram por realizar o intercâmbio com recursos próprios, não estão tendo problemas em relação aos gastos e obtenção de recursos. Em relação aos que recebem algum tipo de bolsa, a maioria acredita que os subsídios financeiros recebidos são suficientes para suprir necessidades básicas durante o intercâmbio, como alimentação e moradia. Porém, caso o intercambista queira conhecer outros lugares na Argentina ou participar de atividades que exijam um gasto adicional, deverão cobrir essas despesas com recursos financeiros próprios.

“[...] se você não viaja, funciona perfeitamente. Se quer viajar ou sair, precisa um pouco mais.” (E1)

“Eu diria que depende, são poucos recursos. Acho que pra viajar e fazer realmente um intercâmbio onde você conhece as cidades, os arredores, a cultura, realmente esse dinheiro não é suficiente porque é caro e o dinheiro da bolsa é realmente para os seus gastos de aluguel, seus gastos básicos. Então o dinheiro da bolsa é realmente para suas necessidades muito básicas e ainda assim não é muita coisa, não se pode ficar esbanjando, tem que ter um controle muito grande.” (E2)

“Sim e não, sim basicamente, para o básico, mas eu tive que botar mais dinheiro.” (E4)

“É um programa com bolsa. [...] Por sorte eu tenho os meus parentes aqui, que apesar de não viverem na cidade de La Plata eles vivem relativamente próximo a mim e eu precisei realmente recorrer a eles por ajuda financeira. Então atualmente, nesse momento, eu tô me sustentando com dinheiro emprestado pelos meus tios, pois eu tive um problema com o meu cartão, que a senha que eu digitava não estava funcionando, não sei porque. [...] Mas a bolsa não é das melhores, assim, o valor

da bolsa é bem restrito, as tarifas são bem altas... Mas apesar de tudo eu felizmente tô conseguindo sobreviver.” (E9).

Experiências Cotidianas

Ao serem questionados sobre os novos costumes vivenciados na Argentina, percebeu-se que a forma de se relacionar dos argentinos, o costume de se tomar mate e os horários que estão acostumados a realizar tarefas e se divertir são os pontos que mais chamaram a atenção dos estudantes estrangeiros.

“ Eu não conhecia o mate que é uma cultura linda, porque em certa forma te atrai para que esteja reunido com um grupo de pessoas comentando, praticando, rindo. Então essa é uma cultura que em México eu não conhecia, não sabia que existia aqui na Argentina. Então quando eu cheguei, eu a conheci e gostei muito.” (E8)

“Quando eu cheguei eu achei que não era tão diferente, mas é totalmente diferente, a relação com as pessoas principalmente, é o que mais me deixou impressionada, porque no Brasil é muito diferente, aqui eles são um pouco mais frios. O costume de comida, na hora de dormir, hora de realizar as tarefas, hora

que almoçar, esse tipo de rotina também. O costume de estudar, de ler, eles leem muito aqui também.” (E2)

“A hora de sair à noite, a maioria sai àstrês da manhã, mas no Japão nós saíamos, tipo, nove, dez da noite, é muito diferente.” (E3)

Em relação ao idioma, 73% dos entrevistados avaliaram possuir o domínio do Espanhol antes de viajar à Argentina, entretanto, mesmo sabendo se expressar no idioma, ao chegarem à Argentina vivenciaram certas situações e perceberam diferenças em relação ao espanhol falado em seu país de origem ou estudado anteriormente e o espanhol Argentino. O que se relatou principalmente foi a existência de expressões diferentes e a questão da velocidade ao falar.

“Às vezes, mesmo que eu fale espanhol e eles também, não entendo algumas coisas, eles falam muito rápido. Regras que só eles entendem, então às vezes é um pouquinho difícil. Tenho um professor que não entendo nada do que ele diz. Desde que começa a explicar até que termina, não entendo nada. Eu sei que ele fala espanhol, porque é Argentino, mas não tenho ideia do que está falando.” (E5)

“Apesar de ser o mesmo idioma, é muito difícil de entender. Não sei se é porque eles falam rápido ou se é porque há certas palavras que não se entende o significado.” (E6)

De acordo com a vivência dos participantes que não possuíam o domínio da língua, observa-se que isso pode ter dificultado um pouco, pelo menos inicialmente, em relação às primeiras aulas e à tentativa de estabelecer os primeiros laços de amizade, já que a comunicação é um fator básico para a interação social.

“A primeira experiência que vai ficar marcada foi quando eu cheguei no aeroporto e não sabia para onde ir, todo mundo falando espanhol e eu não entendia e não tinha a quem recorrer. Foi uma experiência difícil com o idioma, pois não conhecia nada. Também a minha primeira pergunta em sala de aula que o professor não entendeu nada, foi difícil também porque eu fiquei com vergonha, mas consegui superar, consegui respirar fundo para tentar reformular e tentar falar de outro jeito. Isso me causa um pouco de ansiedade, de não saber falar o idioma.” (E2)

Em relação à alimentação, a maioria dos entrevistados alegou não

possuir problemas com a alimentação, já que, segundo estes, é possível encontrar os produtos básicos que utilizam para cozinhar em seus países de origem. Mexicanos e colombianos observaram que em seus respectivos países existe uma grande variedade de frutas, o que segundo eles, não existe na Argentina.

“Não tive dificuldade para encontrar o mais básico como carne, ovos, leite.” (E8)

“Engordei, não tenho feito muito exercício. Tenho comido muito pão, farinha, massa, pizza, empanada. Tenho provado tudo. [...] Estou acostumada a muitas frutas e muitas verduras, aqui não tem.” (E10)

“O arroz fazem diferente. Já o resto, não como muito comida argentina, pois eu cozinho. (...) aqui quase não há frutas, na Colômbia há muitas frutas, todas as frutas. A farinha para fazer “arepan” não consigo”.(E1)

Os que relataram problemas em relação à alimentação retrataram dificuldades iniciais em relação a indicação de um determinado local para se alimentarem ou a ausência de produtos específicos utilizados com frequência em seu país de origem.

“No começo foi bem difícil, acho que isso para todos os intercambistas, não saber o local onde se encontra um restaurante, a localização dos lugares é um pouco complicado. Então, a alimentação nos primeiros dias não foi muito adequada, foi muito diferente do que eu estava acostumada, pois eu quase não como muita besteira, então foi totalmente diferente. Eu também não tinha muita fome, acho que de ansiedade.” (E2)

“Eu ainda sofro bastante, porque aqui não tem muito o costume de ter restaurante e os que têm não são muito do meu gosto e os alimentos que eles comem aqui são muito à base de trigo como o pão, muita massa, muita milanesa, muita carne. Eu era acostumada a comer porções pequenas de muitas coisas e aqui eu como porções maiores de poucas coisas.” (E4)

De acordo com os participantes o principal aprendizado obtido com o intercâmbio foi o crescimento e amadurecimento pessoal, obtido pelo fato de estarem longe de seus pais, de sua cultura, de seu círculo de conforto. Cabe ressaltar o relato de um participante brasileiro que aborda a questão da percepção de si mesmo como latino-americano.

“Acho que o maior aprendizado foi a mudança do olhar sobre as coisas, sobre a Argentina, sobre a cultura, sobre a política, sobre a economia argentina, sobre a maneira de ser, sobre a nossa latinidade. Eu vi coisas muito parecidas, eu vi coisas diferentes e eu vou voltar uma pessoa diferente, isso é certo.” (E4)

“Mudar um pouco a sua maneira de pensar, sem dúvida, estar aqui sozinho sem sua família, sem seus pais, sem ninguém que conheça. Te faz pensar muitas coisas, o que faz com que seu pensamento fique mais maduro em relação ao que veio do seu país.” (E8)

“Eu acredito que é o amadurecimento. Não acredito que a três meses pensava o mesmo que agora.” (E10)

“Conhecer mais a mim mesma. Aprender a relacionar-me mais, ser mais aberta.” (E11)

Todos os entrevistados dividiam moradia com outros estudantes, sendo eles argentinos ou não. Alguns relataram problemas de relacionamento baseados nas diferenças culturais e em aspectos particulares de respeito ao espaço do outro e limpeza da moradia. Essas situações ocorreram principalmente por aqueles que viviam com estudantes argentinos. A

convivência doméstica também fomentou o aprendizado.

“Acho que foi a única dificuldade que eu enfrentei, porque tem costumes diferentes, acho que respeitar as pessoas não é difícil, é só ficar mais calado, às vezes saber conversar e ter um pouco mais de tranquilidade. Acho que a única dificuldade de relacionamento foi com esse moço argentino, porque ele não tinha os mesmo costumes e não respeitava, eu acho que essa é uma questão de respeito, que não havia.” (E2)

“Bastante sobre a organização da casa, pois eu tinha a minha maneira de organizar as coisas, que era organizada, e quando você convive com mais pessoas nem sempre é assim e você tem que se adaptar e ser flexível. É uma flexibilidade que eu não era cobrada antes, pois eu vivia com meus tios e já tinha o nosso modus operandi bem claro e aqui eu tive que ser mais flexível em relação a isso.” (E4)

“É que ele é um pouco sujo, um pouco desorganizado. Não lava os pratos, a gente deixa a casa impecável e ele vai lá e suja tudo.” (E7)

“Moro com um Japonês e um Argentino. Com o Argentino teve muito

com o tema da limpeza, da organização, porque é um pouco desorganizado e um pouco sujo.” (E8)

A rede inicial de amigos no país de Intercâmbio

Todos os participantes relataram dificuldades no estabelecimento de laços de amizade ao chegarem a La Plata. Segundo a maioria dos intercambistas, quase todos os argentinos não são pessoas abertas ou que se interessam por um intercâmbio cultural, não se importando assim em iniciar uma amizade com estrangeiros. Dessa forma, o estabelecimento de um vínculo de amizade se deu primordialmente com outros estudantes de intercâmbio.

“Sim. Aqui na Argentina você que tem que tentar entrar dentro do grupinho, senão você vai ficar sozinho pra sempre. Porque ninguém vai te convidar pra entrar. Você tem que ficar tentando, tentando, tentando, até você conseguir alguma coisa.” (E7)

“Tentei muitas vezes, mas os argentinos são muito relutantes a fazer novos amigos. Então, os que encontrei foram mesmos os que vinham intercâmbio de muitos países. Nas aulas quando se faziam os grupos, eu tratava de fazer

práticas, de intercambiar um pouco de prática cultural, mas os argentinos não se abriam muito para entrar uma amizade além da sala.” (E8)

Apenas um entrevistado não apresentou dificuldades em relação a tentativa de estabelecer novas amizades com argentinos. Todos os demais entrevistados relataram dificuldades, principalmente por perceberem os argentinos como pessoas pouco sociáveis. Além disso, questões como timidez e a existência de grupos pré-formados na faculdade foram citados como fatores dificultadores do estabelecimento de novas amizades.

“Não tive dificuldades, pois igual eu disse, sou muito comunicativa e as pessoas que eu conversei também foram muito amáveis e dóceis comigo e ajudaram muito nesse processo.” (E2)

“ Os argentinos não são pessoas muito sociáveis, não gostam de fazer amigos, gostam do seu país e não querem que ninguém mais entre. [...] Você pode ter toda a intenção do mundo de querer falar, compartilhar experiências, falar de seu país, sua família, sobre o que seja. Mas eles não são assim contigo, não te aceitam, digamos.” (E5)

“Sou um pouco tímida” (E11)

“Tive dificuldade, principalmente na faculdade, porque cada um tem sua aula e são aulas muito diferentes e se a pessoa não tá disposta de conversar contigo, é difícil iniciar uma conversação.” (E4)

Todos os entrevistados acreditam terem obtido sucesso em conseguir novos amigos durante o intercâmbio, porém a maioria desses amigos foram outros estudantes de intercâmbio.

“Eu tenho mais amigos estrangeiros que amigos argentinos. Eu acho que ao invés de você tentar fazer amizades com argentinos é melhor fazer com estrangeiros, porque acho que eles estão sentindo a mesma coisa.” (E7)

Ao chegar ao país tudo é novo, tudo é um aprendizado. Dessa forma, conhecer novos amigos pode ajudar na adaptação no local, com seus novos costumes, idioma, etc.

“Foram essenciais. Pra conversar sobre qualquer assunto, conversar sobre a vida, sobre a experiência. Você ter alguém aqui é como um apoio, eles permitem retornar a zona de conforto, te ajudam a enfrentar, a caminhar cada dia. Às vezes se você tem alguma dificuldade na matéria eles pode te

ajudar. E também pra conversar, compartilhar problemas, alegrias.” (E2)

“Foram fundamentais, principalmente os que são de intercâmbio também. [...] Era mais o apoio emocional também e de compartilhar bons momentos.” (E4)

“Muito e de grande apoio, sobretudo moral. Porque quando chega e não conhece a ninguém, não tem ninguém que te espera aqui, tudo é novo e muito do que faz é diferente de seu país. Então ter conhecido amigos que possam sair contigo, praticar contigo, fazer companhia durante algum tempo, gera confiança, gera comodidade.” (E8)

Ao serem questionados sobre a nacionalidade de seus amigos, os entrevistados explicitaram o fato de não considerarem possuir uma real amizade com os argentinos, possuindo mais amigos de outras nacionalidades.

“Brasil, México, Colômbia. Os outros são paraguaios, do Equador e Argentina. Mas são de outros países, foi mais fácil fazer amizade com os jovens de outros lugares.” (E1)

A Mudança e os amigos do país de origem

Ao se distanciarem geograficamente de sua cidade, os

participantes relataram distanciamento também de seus amigos. Cerca de 58% relataram que o contato diminuiu. Alguns, acreditam que o distanciamento ocorreu em função da nova rotina durante o intercâmbio, de maneira que o tempo utilizado para se manter em contato diminuiu.

“Diminuiu, não tem sido o mesmo contato que tenho quando estou lá. Por causa das aulas, dos novos amigos aqui, de sair e viajar, não é o mesmo tempo que posso dedicar para estar em contato.” (E8)

“Tem diminuído, pois eles tem sua vida lá e eu aqui, é compreensível que perda um pouco de contato” (E11)

Para manter-se em contato com esses amigos do país de origem, os intercambistas utilizam diferentes meios, mas todos relacionados ao uso da Internet. Dentre esses, os mais citados foram o Facebook juntamente com o Whatsapp, seguidos pelo Skype, Line, e-mail e telefone.

Análise do curso feito durante o intercâmbio

Todos os estudantes acreditam que a estrutura física da Universidade poderia ser um pouco melhor se comparada com a

Universidade de origem. Por outro lado, avaliaram que os professores com os quais estudaram durante o intercâmbio são bons, compensando as falhas estrutura física, como a falta de laboratórios e precariedade em algumas salas de aula.

“Bom, vou analisar da minha faculdade. A faculdade de Jornalismo é nova, mas os laboratórios são aquém dos que tenho na minha Universidade, e as salas de aula também. A estrutura física não é das melhores, mas o corpo docente, as aulas compensam qualquer falha que isso possa ter ocasionado.” (E4)

“Excelentes, ou seja, são pessoas muito capacitadas e são pessoas que nos entendem e compreendem que não é fácil você chegar por um semestre em um lugar onde não conhecia ninguém, onde está se adaptando e todas as limitações. A forma de nos ensinar. São pessoas muito compreensivas.” (E1)

“É maravilhoso você ter o contato com várias visões de professores e que são especializados em assuntos. Então você tem uma aula muito dinâmica, uma aula com percepções distintas e uma aula que engrandece muito. Então a aula fica interessante você pode explorar um conhecimento. É fantástico, os professores são muito bem capacitados. Também tiveram muita paciência com

os alunos de intercâmbio, repetiam, tentavam falar um pouco mais devagar.” (E2)

A Universidade de destino, segundo os estudantes, não apoiou os intercambistas. Apenas um entrevistado qualifica como positiva a comunicação entre a UNLP e os estudantes estrangeiros.

“Na realidade, foi somente a palestra de boas vindas. E, na realidade, não foi exatamente “boas vindas”, porque foi sobre como teríamos que fazer para regulamentar os papéis e nunca mais voltamos a saber deles.” (E1)

“Eu achei que ficou a desejar, porque a única interação que nós tivemos com as pessoas do intercâmbio foi em uma reunião de trinta minutos que o assunto central foi trâmites, a documentação que você tinha que levar pra eles para ganhar um ticket, que é um absurdo, pra utilizar o refeitório da Universidade.” (E2)

Já em relação ao rendimento acadêmico dos estudantes estrangeiros, 66% acredita que diminuiu durante o intercâmbio se comparado com o seu desempenho em sua Universidade de origem. Entre as justificativas para a redução desse desempenho, está a insegurança, o grande número de matérias

estudadas durante o intercâmbio e a diferença entre a didática argentina e do país de origem. Além disso, a questão do idioma também foi um fator dificultador para os estudantes que não possuíam o domínio do espanhol.

“A questão acadêmica foi muito dura, pois lá eu vejo 7 matérias semestrais, mas posso fazê-las sem problema, e eu não perdi matérias e ia bem. Mas quando cheguei aqui.. começando porque não pude ver todas as matérias, as sete, e isso me desanimou. [...] Sigo estudando igual, respondo meus parciais, mas na realidade eles exigem muito no momento de responder um parcial, te pedem que um exercício esteja exato, perfeito, ou seja, que não erre nada. [...] Por isso o rendimento acadêmico creio que por esse lado abaixou um pouco.” (E5)

“Até porque a questão de eu me sentir muito cansada, principalmente agora no final do período, e ao mesmo tempo eu queria aproveitar o intercâmbio de várias formas, não apenas estudando, e é muito difícil de conciliar as duas coisas. A maioria dos meus amigos fazem menos matérias que eu. Todas as pessoas que eu conheci que são de intercâmbio fazem menos matérias que eu. Eu faço quatro e a maioria faz três,

duas, uma. Então é difícil porque eu tenho menos tempo livre e mais coisas pra estudar, mais coisas pra ler. Aqui eu me deparei com um fato, de pelo menos nas matérias que eu estou fazendo na minha faculdade, eles lêem muito mais.” (E9)

Considerações Finais

Conforme os estudos de Benett e Benett (2004), Stalivieri (2009) e Bett, (2012) o período inicial do intercâmbio é pautado em vivências de desconforto físico e emocional. Os participantes relataram esse impacto inicial que parece estar relacionado também às expectativas que tinham em relação ao país, às pessoas e à universidade.

Os estudantes de intercâmbio que escolheram a UNLP como destino perceberam diferenças culturais em relação à alimentação e, especialmente, no estabelecimento de relacionamentos interpessoais, pois esperavam encontrar pessoas carismáticas, abertas ao contato. Foram estabelecidos mais laços de amizade entre os estudantes em intercâmbio do que entre estrangeiros e argentinos.

Como sinaliza Garcia e Goes (2010), foi a partir do estabelecimento de vínculos de amizade que o processo de

adaptação e até mesmo de integração começou a ocorrer. Já ao final do período letivo os participantes apresentaram-se mais adaptados, relataram estratégias de adaptação que funcionaram e que estavam primordialmente pautadas no próprio crescimento pessoal frente às novas experiências. Assim as expectativas tornaram-se mais realistas, condizentes com a realidade do país e a própria realidade financeira do participante.

Pode-se observar que as relações de amizade são mais facilmente desenvolvidas com outros estudantes em intercâmbio do que com os estudantes argentinos o que corrobora com as características de uma relação de amizade apresentadas por Souza e Lassance (2010, p. 280) “um relacionamento de amizade requer apreço mútuo, interesses, apoio, atividades e objetivos em comum [...]”.

Para Antoniazzi, Hutz, Lisboa, Xavier, Eickhoff & Bredemeier (2001) a amizade é fundamental para a socialização e desenvolvimento de relações afetivas na infância e adolescência, se constituindo em uma relação na qual podem ser divididos medos, esperanças e interesses. A experiência vivenciada no início do intercâmbio pode ser comparada às vivências infantis visto que diante de um ambiente físico, cultural e social desconhecido os medos e a insegurança

são aflorados e as novas amizades com indivíduos que estão em situação semelhante tornam-se importantes fontes de apoio social.

Os participantes ao iniciarem o processo de mobilidade acadêmica, acreditavam que o conhecimento profissional agregado seria o maior e mais importante aspecto do intercâmbio, entretanto, após vivenciarem a experiência de viver fora de seu ambiente habitual avaliaram que o crescimento pessoal foi o aspecto mais valioso.

Os participantes demonstraram certo descontentamento em relação à organização do intercâmbio na UNLP em função do pouco apoio recebido para a adaptação no novo local de estudo, sendo dadas apenas informações em relação aos trâmites legais. A qualidade técnica do corpo docente foi um fator avaliado positivamente, por outro lado, a estrutura física da universidade foi motivo de críticas.

A queda no rendimento acadêmico durante o intercâmbio foi retratada pela maioria dos participantes. Relacionaram a essa situação ao processo de adaptação a um novo idioma, especialmente brasileiros e japoneses, processos emocionais e de adaptação financeira, bem como interesse em conhecer e vivenciar outros aspectos da vida cotidiana no país o que fazia com que disponibilizassem menor tempo para o estudo.

Este estudo procurou fornecer subsídios para a compreensão das particularidades das vivências de um intercâmbio internacional. Foram retratadas dificuldades de adaptação ao idioma, especialmente aspectos de fluência, bem como a importância do estabelecimento de relações interpessoais no novo contexto como importante apoio social para a adaptação e integração à cultura local.

Referências

Altbach, P. G & Knight, J. (2007). The Internationalization of Higher Education: Motivation and Realities. *Journal Studies in International Education*, 11(3).

Antoniazzi, A., Hutz, C. S., Lisboa, C., Xavier, C., Eickhoff, F. & Bredemeier, J. (2001). O desenvolvimento do conceito de amigo e de inimigo em crianças e pré-adolescentes. *Psico-USF*, 6(2), 1-10.

A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM RELAÇÃO À EXPERIÊNCIA DE
INTERCÂMBIO NA ARGENTINA

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Bennett, J.M. & Bennett, M.J. (2004). Developing Intercultural Sensitivity: An Integrative Approach to Global and Domestic Diversity In: D.Landis, J.M. Bennett & M.J. Bennett (Orgs), *Handbook for Intercultural Training* (pp.147-165). Thousand Oaks: Sage.

Bett, D. Z. (2012). *Jovens Universitários e Intercâmbio Acadêmico*. Dissertação - Especialização em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

Bezerra, A. F. D. (2013). Internacionalização da Educação Superior no Mercosul: Novas Tendências nas Universidades Públicas de Brasil e Argentina. *Coloquio de Gestión Universitaria en Américas*, 13.

Boni, V.; Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2. Retrieved in October 10, 2014, from <https://periodicos.ufsc.br>

Dale, R. (2004). Globalização e educação: demonstrando a existência de uma "Cultura Educacional Mundial Comum" ou localizando uma "Agenda Globalmente Estruturada para a Educação"? *Educação e Sociedade*, 25. Retrieved in October 10, 2014, from <http://www.scielo.br/>

Dalfovo, M. S.; Lana, R. A.; Silveira, A. (2008). Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 2, 01-13.

Dalmolini, I. S. et al. (2013). Intercâmbio Acadêmico Cultural Internacional: Uma Experiência de Crescimento Pessoal e Científico. *Revista Brasileira Enfermagem*, 66. Retrieved in October 10, 2014, from <http://www.scielo.br/>

Garcia, A.; Goes, D. C. (2010). Amizades de estudantes africanos residindo no Brasil. *Psicologia Teoria e Prática*, 12(1):138-153.

Garcia, A. (2012). Amizades internacionais de universitários brasileiros: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia* (Natal), 17(2), 313-319.

Gareis, E. (2000). Intercultural friendship: five case studies of German students in the USA. *Journal of Intercultural Studies*, 21(1), 67-91.

Krawczyk, N. R. (2008). As Políticas de Internacionalização das Universidades no Brasil: O Caso da Regionalização no Mercosul. *Jornal de Políticas Educacionais*, 4, 41-52.

Marin, R. E. A.; Brasil, W. (2004). Internacionalização da Educação Superior no Brasil. *Associação de Universidades Amazônicas – UNAMAZ*, Belém.

Mazza, D. (2009). Intercâmbios Acadêmicos Internacionais: Bolsas CAPES, CNPQ e FAPESP. *Cadernos de Pesquisa*, 39, 521-547.

Mozzato, A. R.; Grzybovski, D. (2011). Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. *RAC*, 15. Retrieved in October 10, 2014, from <http://www.scielo.br/>

Oliveira, M. G.; Pagliuca, L. M. F. (2012). Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional em Enfermagem: Relato de Experiência. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 33. Retrieved in October 10, 2014, from <http://www.scielo.br/>

Souza, L. K. de; Lassance, M. C. P. (2010). Amizade no processo de orientação profissional: três abordagens na intervenção com jovens. *Revista Brasileira de Orientação Profissional* 11(2), 279-287.

Souza, E. M. de; Garcia, A. (2008). Amigos, Amigos: negócios a parte? *Revista de Administração*, São Paulo, 43(3), 238-249.

Souza, J. S. (2010). A Internacionalização e a Mobilidade na Educação Superior: O Debate na América Latina. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, 10.

A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM RELAÇÃO À EXPERIÊNCIA DE
INTERCÂMBIO NA ARGENTINA

Stallivieri, L. (2009). *As Dinâmicas de Uma Nova Linguagem Intercultural na Mobilidade Acadêmica Internacional*. Tese - Doutorado em Línguas Modernas, Universidad Del Salvador, Buenos Aires.

Teichler, U. (2004). "The Changing Debate on Internationalisation of Higher Education", *Higher Education*, 48 (1), 5-26.

Os autores:

Paulo Júnio dos Santos possui graduação em Administração pela Universidade Federal de Viçosa, Campus Rio Paranaíba. E.mail raquelmirandaufv@gmail.com

Raquel Ferreira Miranda possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1996, Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2005, Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) em 2009. Membro da Associação Brasileira de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal, participando da organização da mesma. Professora Adjunto III da Universidade Federal de Viçosa - Campus Rio Paranaíba. E.mail raquelmirandaufv@gmail.com